

AGUSTIN FERNANDEZ

O IMPLANTE

1ª Edição

Salvador – BA

 **PoloBooks**

2016

Copyright© by Agustin Fernandez

Proibida toda e qualquer reprodução física ou virtual desta obra ou de partes dela sem a expressa concordância do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Fernandez, Agustin

O implante / Agustin Fernandez. – Salvador, BA : Edição do Autor, 2016.

168 p.; 14 x 21cm

ISBN: 978-85-921526-0-4

1. Literatura brasileira. 2. Romance brasileiro. I. Título

CDU 869.0(81)-31

Bibliotecário responsável: Fabrício Schirmann Leão –
CRB 10/2162

Índice para catálogo sistemático

1 Literatura brasileira : 2 Romance brasileiro

O IMPLANTE

Revisão e Organização: Roque Aloisio Weschenfelder

Capa: Agustin Fernandez

Diagramação: Anne Charlyne Raviani

Impressão: PoloPrinter



PREFÁCIO

No dia em que Agustin Fernandez me falou que tinha em mente uma história meio fantástica, eu sabia que algo extraordinário fora gerido nos pensamentos deste novo autor. Ele disse que acharia difícil escrever, pois não teria o cacife para isso, mas quem, se não o pai da ideia, para colocar no papel uma história tão interessante?

Um dia, em abril, não era o primeiro do mês, não, eis que o autor me envia seu texto. Era minha vez de revisar o texto para ver se haveria erros gramaticais. Sempre, como acontece com todos nós que escrevemos, há alguma coisa a corrigir. O que me surpreendeu foi a trama e o enredo da história e velocidade com que os fatos transcorrem no texto – velocidade tanta que duvido que o leitor resista à tentação de ler a história numa sentada somente.

O Implante traz à tona a realidade brasileira e mundial e não deixa de se preocupar até com os arroubos sensacionalistas midiáticos, quando fatos pouco comuns acontecem e se precisa jogar na opinião pública a dúvida sobre a honestidade das pessoas de bem.

Bem, feita a revisão, o autor retomou a leitura do texto e fez algumas alterações, que ele julgava importantes na história. É claro que fiz a segunda revisão e, por causa disso, posso afirmar que Agustin Fernandez, mesmo estreando na literatura, tem todos os dotes de alguém que virá com muitas histórias num futuro próximo. Não ficarei surpreso se, daqui a

não muito tempo, os cineastas quererão transformar em filmes as histórias escritas por ele.

Não espere, caro leitor, que eu antecipe muito sobre a história. Não vou informar que uma pessoa cega poderá ter um implante de olhos eletrônicos e poder enxergar. Também não direi que alguns jovens inteligentes vivem peripécias inesperadas porque os poderosos querem roubar as ideias desses estudantes diferentes. É evidente que vou deixar para vocês saberem que O Implante é mais do que um olho eletrônico, mas um mecanismo para pegar terroristas perigosos e entrar no meio dos planos de suas organizações.

Ai, santos corruptos do mundo todo! Já revelei bastante, porém você vai ler e depois me dará razão: é uma história em que dá uma raiva de tanta gente mal intencionada, e também uma satisfação porque os bons e inteligentes conseguem abrir caminhos para contornar as montanhas de lixo que a humanidade produz em termos de pessoas.

Se não gostar do livro, diga isso ao autor e para mim, todavia, se adorar, conte para todos que você conhece e para seus amigos virtuais também.

Roque Aloisio Weschenfelder
Professor aposentado e escritor

Num condomínio de prédios, típico de classe média, localizado na cidade de Florianópolis, em Santa Catarina, Brasil, cinco crianças, que são vizinhos e estudam na mesma escola, desenvolvem uma forte amizade desde o curso maternal. Eles estão sempre na casa uns dos outros para estudar e fazer os deveres escolares; sempre procurando se ajudar mutuamente, visto que estão fazendo a mesma série escolar. Não é raro também até dormirem uns nas casas dos outros, com a devida anuência e supervisão dos seus pais, lógico. Costumam brincar das mais variadas formas peculiares a sua idade: jogam futebol, fazem aula de natação, cursam a mesma escola de inglês, vão ao shopping e ao cinema, viajam e fazem muitas outras coisas juntos, mas do que eles gostam mesmo é jogar videogame, pois amam as inovações; são a geração high-tech. São crianças muito bem-educadas, não gostam de falar gíria, têm um bom vocabulário e não usam de linguagem chula nem mesmo quando se aborrecem, entre si, como é comum acontecer em grupos de crianças da sua idade. Também compartilham as suas experiências pessoais, pois sentem-se à vontade para falar de todo tipo de assunto, uma vez que confiam muito uns nos outros.

Seus pais também são muito amigos, compelidos, logicamente, pela grande amizade dos seus filhos. Também estão sempre juntos em suas horas vagas, destinadas à descontração, promovendo o bom entrosamento de seus filhos. Visto que as crianças estudam na mesma escola e até na mesma classe – é claro que elas não admitiriam que fosse diferente – assim, os pais se revezam para levar as crianças à escola, ficando uma semana a cargo de cada uma das famílias.

À medida que os anos vão passando, os jovenzinhos continuam muito estudiosos, gostam bastante de ler, leem muitos livros só por prazer, sendo dos mais variados temas, apropriados para sua idade. Conforme vão crescendo trocam ideias e

experiências sobre o que leem, e seguidamente indicam uns para os outros os livros que mais gostam. Sem dúvida, isso é o resultado da influência de pais sábios que prezam a cultura e a capacidade reflexiva que a boa leitura provoca no ser humano. Mesmo desde bem novinhos eles já traçam metas e objetivos que sempre procuram alcançar, como, por exemplo, todo ano, na terceira unidade escolar, já estarem aprovados para a série seguinte. Porém, como é próprio dessa geração, são apaixonados pela área tecnológica: os videogames, as secretárias eletrônicas, os controles remotos dos aparelhos de som e de TV, não perdem um lançamento de um filme de ficção científica, tudo isso fascina os jovens. Acompanham todos os avanços, todos os lançamentos, estão sempre atentos a todas as novidades e a par de tudo do que está ainda para ser lançado. Eles sempre compartilham suas descobertas e suas experiências e, para isso, criaram um chat exclusivo para facilitar as conferências em grupo, podendo, assim, conversar, contar as novidades e as descobertas, e trocarem ideias e experimentos.

Não obstante toda a beleza dessas famílias, a vida sempre apresenta surpresas, algumas bem desagradáveis e muito difíceis de lidar. Por exemplo, Carlos um dos jovens, que era filho único, ficou feliz da vida quando, aos sete anos de idade, ouviu sua mãe dizer-lhe que teria um irmãozinho... ou... uma irmãzinha.

– Mas, eu QUERO um IRMÃO, viu mamãe! Não dá para fazer todas as brincadeiras que eu gosto com uma menina né? Meninas gostam de brincar de boneca, de casinha, não gostam muito de jogar videogame, e além do mais ela nem vai poder fazer parte de nosso grupo; só tem menino, entendeu? – Protestou Carlos, como é próprio da infância, como se sua mãe tivesse em suas mãos o poder dessa decisão.

Não precisa dizer que ele vai imediatamente compartilhar a novidade com seus amigos de que logo, logo, o grupo iria aumentar com a chegada de seu irmãozinho, e, como seria de se esperar, é claro que todos ficam muito felizes, pois sabem muito bem o quanto seu amigo quer um irmãozinho.

– Mas, só serve um menino! – disse Carlos com autoridade. A partir de então, com grande expectativa, Carlos acompanha diariamente o desenvolvimento do seu irmão, sempre fazendo um monte de perguntas a sua mãe, algumas difíceis de explicar e outras que simplesmente não têm resposta, como é pertinente à curiosidade infantil.

O tempo avança e, um belo dia, Raquel, a mãe de Carlos, lhe faz um convite irrecusável:

– Quer ir amanhã à tarde com a mãe ao meu médico, para sabermos se você terá um menino como irmão, ou uma menina como irmã?

– Obaaa... Claro! Quero ir sim, mãe... mas pera... como o médico vai saber se é menino ou menina? Vai abrir sua barriga para ver se tem piu piu? E, depois? Podemos trazer ele para casa ou o médico vai colocar ele na sua barriga de novo e costurar, que nem na história de Chapeuzinho Vermelho, quando o caçador tira a vovó de Chapeuzinho da barriga do Lobo Mau, coloca uma pedra e costura de novo? – pergunta Carlinhos.

Sorrindo, sua mãe responde:

– Não é assim, não, filho. O doutor não vai precisar tirar o neném da barriga da mãe não. Ele vai fazer uma ultrassonografia, que é como se tirasse uma foto do bebê dentro da barriga da mãe.

– Ahhhh... entendi... acho... O importante é que vamos saber que é um menino! – contenta-se Carlos.

Na verdade, Raquel, que está muito preocupada com a grande expectativa de Cacau por um irmão, precisava preparar o jovem para caso fosse uma irmãzinha, pois todas as projeções que ele sempre fazia, era levando em conta que fosse um irmãozinho; uma irmãzinha nunca estava nos planos dele. É fácil imaginarmos Cacau (era assim que o chamavam na intimidade) pulando de alegria e bradando:

– É um menino... é um menino... com certeza!

Cacau mal consegue dormir diante de tanta ansiedade, e é claro, que a essa altura já tinha passado a notícia a seus amigos. Na manhã seguinte, enquanto estava na Escola, as

horas pareciam que estavam pirraçando Cacau, simplesmente se negavam a passar, iam se “arrastando” bemmmm... devagarzinho... Parecia que cada segundo era um minuto, e cada minuto levava uma hora para passar, ele nunca teve uma manhã de aula tão grande.

Finalmente, a campainha da escola toca! Fim da aula! Uf-faaa... até que enfim! Cacau sai em disparada à frente de seus amigos, com quem já combinara para voltar voando para casa, porque ele tinha de ir ao médico com sua mãe.

– Vamos logo pessoal... rápido, tenho que chegar logo em casa! Vamos... vamos... – grita Cacau eufórico correndo à frente do grupo.

E... chega a hora, como aliás tinha de ser, e lá estão eles na sala de espera da clínica onde Raquel vai fazer o exame. Cacau, agitado não para de perguntar:

– É a sua vez agora mamãe?

– Por que aquele homem entrou, mamãe, se homem não fica grávido?

– Por que essa menina entrou na sua frente, mamãe? Menina pequena assim não tem neném, né?

– Não, querido! Nem homem fica grávido, nem menina pequena pode ter neném. É que aqui na clínica fazem vários tipos de exames... fique tranquilo que logo, logo mesmo, vai ser minha vez... – responde pacientemente Raquel.

Então sai uma grávida de uma das salas, e Cacau diz mais uma vez: – Agora é a senhora, com certeza.

– Senhora Raquel, por favor dirija-se à sala 5 – ouve-se uma voz feminina nos alto-falantes da sala de espera.

Cacau pula da cadeira e, puxando a mãe pela mão, diz:

– Eu não disse...? Vamos, mamãe, rápido... antes que outra pessoa entre na sala...

Então, mamãe entra na sala, mas, Cacau não pode entrar, tem de esperar do lado de fora. Ninguém merece! Outra espera, quem aguenta? Mais uma eternidade!

“Parece que todos os relógios estão lerdos hoje” pensa Carlinhos.

Finalmente, sua mãe sai da sala e Cacau, estático, olhos arregalados, aguarda a notícia.

– Vai, mãe... fala logo... é um menino, não é?

– Bem, filho... é... – Diz sua mãe fazendo cara de quem está triste e criando mais suspense ainda.

– É... um menino, SIM... você vai ter o irmãozinho que tanto queria – completa Raquel.

Cacau quase desmaia de tanta alegria, embora, claro, já soubesse.

– Eu já sabia... eu já sabia... – sai “pulando e cantando” Cacau.

Agora tinha de esperar...

– Mais seis meses, mamãe??? – Bem, de qualquer modo vai ser bom porque aí eu vou estar de férias e vou poder cuidar direitinho dele – diz Cacau sem se conter de tanta felicidade. Ele começa a contagem regressiva, anotando dia a dia, mês a mês em seu calendário pendurado na parede de seu quarto.

Nesse meio tempo, como tem de acontecer, começam os preparativos para a chegada do rapazinho. O quarto todo decorado de papel de parede com tema de príncipe na cor azul, luminária de bichinho, berço com roupas de cama azuis e amarelas e, claro, a roupinha para o bebê, muitas roupinhas, algumas azuis, algumas peças em vermelho, outras amarelas como é de costume.

Não obstante o tempo de Cacau passar lentamente, na realidade os meses passam voando e logo chega o grande dia. É um domingo à noite, quando todos se preparam para dormir que começa o alarde:

– Acho que a bolsa rompeu – ouve-se o grito de Raquel. E aí a correria é geral; pega a sacolinha (a sacolinha com as roupas para o nenê, os hobbies e as pantufas da mamãe, que foi previamente preparada).

– Liga pra Lígia para pegar o Cacau para ele ficar com ela – Lígia é a vizinha amiga, mãe de Lucas, um dos amigos de Cacau.

– Não! – protesta Cacau – eu vou junto, quero ver meu irmão assim que nascer...

– Não pode, não, filho. Criança não pode entrar na sala de parto quando o neném vai nascer, só quem pode entrar é o papai e os médicos.

– Amanhã o papai vem te pegar para você conhecer seu irmãozinho – diz Marcos, pai de Cacau.

– Mas, eu quero ver meu irmão assim que ele chegar – continua Cacau, agora chorando.

Ainda bem que Lígia, que já estava de sobre aviso, chega com Lucas e diz calmamente:

– Venha comigo, querido, que a tia vai explicar tudo direitinho e você pode brincar um pouquinho com o Lucas.

– É... – diz Lucas todo animado – vamos brincar!.

Assim, mesmo dividido, Cacau decide aceitar, mas protesta:

– Poxa! Criança não pode nada... – diz, ao tempo em que, obediamente, acompanha Lucas e Lígia.

Finalmente, chega o dia seguinte, e Marcos vem pegar Cacau, conforme prometera, para ir conhecer seu irmão que acabara de nascer na maternidade. Logo que Cacau avista seu pai estacionando o carro no condomínio em que moram, pois estava de plantão em uma das janelas do apartamento de Lígia, onde está hospedado, sai correndo pela sala gritando:

– Papai chegou... papai chegou... tia Lígia, tia Lígia, venha ligeiro... papai já veio me buscar...

Não é para menos que ele esteja muito feliz e ansioso para saber tudo sobre Felipe, seu irmão, sendo este o nome que escolheram para o novo membro da família. Cacau quer que o pai lhe conte logo tudo sobre seu irmão: como é o cabelo dele, se é castanho e cacheado igual ao dele? É gordo ou se é magro? É alto ou é baixinho? Qual é a cor dos olhos dele? Está tão eufórico que não consegue notar que o olhar triste de seu pai não condiz com a alegria daquela ocasião produzida pela chegada do tão esperado e planejado neném. Também lhe passa despercebido o olhar de compaixão da tia

Lígia que lastima o entusiasmo de Cacau ao tempo que tenta segurar as lágrimas.

De banho tomado, roupa impecável, e eufórico, muito agitado mesmo, Cacau acompanha seu pai, ou melhor, vai puxando Marcos pela mão até chegarem no carro, onde logo é colocado no banco de trás por seu pai, que afivela o cinto de segurança e se posiciona na direção, ao tempo em que Carlos não para de falar:

– Vai, pai... fala logo... me conta tudo! – Cobra Cacau.

– Filho... seu irmão é muito lindo. Parece muito com você quando você nasceu, até o cabelo é muito parecido com o seu – fala timidamente Marcos.

– Poxa... que ótimo! legal mesmo! – Exclama Carlinhos.

– Mas, seu irmãozinho nasceu com um pequeno probleminha... – diz Marcos, ainda reunindo forças, para preparar Cacau para a adversidade.

– Probleminha? Como assim papai, um pequeno probleminha? Tipo um defeito? – pergunta Cacau ansioso.

– É, filho, ele nasceu com um defeitinho – continua Marcos, na realidade sem saber como falar.

– Diz logo, pai – Ele não tem uma perna? Não vai poder andar, não vai poder jogar bola é isso? Ou será que não tem um braço? Ou sei lá... os dois e, portanto, não vai poder jogar videogame? Sei lá... Pera aí... cabeça ele tem né, pai? – Dispara sem parar.

– Não, não filho... não é nada disso não, o corpinho dele é perfeito, tem tudo, cabeça, braços e pernas normais, não falta nada, é um menino lindo como lhe falei – explica Marcos – só que ele nasceu com um probleminha.

– Não entendi, pai. Que probleminha é esse? Aiiiiii! Diz logo, pai... pois eu já não aguento mais tanta angústia...

Então, juntando o que lhe resta de forças, e notando que será melhor para Cacau que ele fale logo, Marcos diz:

– Seu irmãozinho não enxerga, ele não consegue ver.

– Ahaaaa... é só isso...? Não se preocupa não, pai! – Surpreende Cacau – todo neném nasce sem enxergar, é assim

mesmo! Eu já li sobre isso; mas logo, logo ele vai ver tudinho, pai, você vai ver, pode ficar tranquilo – simplifica Cacau do alto de sua inocência.

Recobrando-se da surpresa, Marcos explica melhor:

– Papai sabe, filho, que os nenéns nascem sem enxergar, mas no caso de seu irmãozinho ele não vai enxergar, nem agora, nem depois. O médico já o examinou. Ele nasceu com um probleminha nos olhos.

– Então ele é cego é, papai? Nunca vai enxergar nada? – diz Cacau, indo direto ao assunto ao tempo em que chocado, entrega-se ao choro.

– É sim, filho! É isso mesmo! – esclarece Marcos também já desabando em lágrimas e, por sorte, tinha acabado de parar o carro no estacionamento da maternidade. Então, Marcos sai do carro, retira Cacau do banco traseiro, abraça ternamente seu filho, e entram de mãos dadas na maternidade, quando, mais uma, vez Cacau surpreende dizendo: – fique tranquilo, papai, eu vou ser forte. Eu vou amar meu irmão mesmo assim! – responde e aperta forte a mão de Marcos, que mais uma vez desaba.

Então, finalmente, Cacau conhece seu irmãozinho, um lindo bebê de cabelos ruivos encaracolados e olhinhos brancos embaçados.

– Meu irmão é lindo, mamãe! – Então, Cacau passa muito suavemente a mão na cabecinha do irmão e fala com muito amor:

– Eu vou cuidar muito bem de você viu, Felipe.

Ele deixa todos muito surpresos e emocionados com essa demonstração de amor verdadeiro. Assim, no dia seguinte, já estão todos de volta a sua casa, Marcos, Raquel, Cacau e o pequenino Felipe.

Passados mais ou menos um mês, Cacau acompanha Marcos e Raquel à primeira consulta com o pediatra de Felipe, que, não por coincidência, é um velho amigo de Cacau, Doutor Roni, que, então, com perícia e habilidade, pesa, mede e examina Felipe, tudo observado bem de perto por Cacau,

que acompanha cada gesto, cada detalhe, sempre pedindo ao doutor que tome cuidado com seu irmãozinho – porque ele é muito pequenininho viu Doutor Roni? – diz Cacau, querendo saber de tudo.

– Quanto ele pesa, doutor Roni?

– Quatro quilos duzentas e oitenta e cinco gramas – responde o solícito doutor.

– Qual é o tamanho dele, doutor Roni?

– Ele mede cinquenta e oito centímetros, é bem grandão – diz, rindo, o prestimoso doutor.

Por fim, Cacau surpreende a todos fazendo uma pergunta ao médico enquanto chupa um pirulito que lhe foi dado ritualmente por doutor Roni:

– Doutor Roni, por que Felipe nasceu cego? Não podemos fazer um transplante de olhos nele não? Transplanta-se tanta coisa hoje em dia, né? Tem transplante de tantos órgãos, deve ter de olhos também, não é? – Revela ele seu inconformismo.

Pego de surpresa, pacientemente, doutor Roni tenta explicar a situação de Felipe para Carlos e então, raciocina com ele:

– Bem, Cacau, por que Felipe nasceu cego, você não vai conseguir entender agora, embora você seja um rapazinho bem inteligente, mas é que é um assunto complexo, ligado à genética, que é coisa que você vai aprender mais tarde na escola, mas vou tentar lhe explicar por que ele não consegue enxergar. Me diga uma coisa: você assiste televisão?

– Claro que sim, né, doutor Roni – diz Carlos, sem entender o porquê de uma pergunta com resposta tão óbvia.

– Muito bem. Eu sei que você é muito inteligente, e vai saber me responder certinho, me diga uma coisa: você sabe como a imagem chega até a sua TV? – Continua Doutor Roni.

– Sim, claro que sei – diz Cacau todo autoconfiante – alguém filma com uma câmera e a imagem viaja pelo espaço, entra pela antena e vem para a TV – simplifica Cacau.

– É Isso mesmo, Cacau, parabéns – elogia doutor Roni – nós recebemos a imagem na TV que a câmera filmou, não é mesmo? – responde Cacau afirmativamente com a cabeça,

acompanhando, com bastante interesse, a explicação do Doutor, que continua – Então... nossos olhos são como essa câmera, eles “filmam” as coisas e envia a imagem para o nosso cérebro, então o cérebro faz a leitura dessas imagens, e é assim que nós enxergamos, está dando para entender até aqui? – pergunta o Doutor, ao que, mais uma vez, Carlos acena positivamente – Mas, no caso do Felipe, seu irmãozinho – continua o médico – é como se a câmera dele, que são os seus olhinhos viessem com defeito sem poder filmar, então eles não enviam a imagem para o cérebro – termina Doutor Roni, fazendo o melhor que pode. Cacau, muito atento completa sem pestanejar:

– Entendi! Os olhinhos dele vieram queimados, sem poder filmar. Fala com a voz embargada.

Marcos e Raquel notam que após a explicação, Cacau fica pensativo. Alheio, e satisfeito, Doutor Roni continua seu trabalho, apanha o receituário e, enquanto pensa no que precisa recomendar para reforçar a boa saúde do bebê, o breve silêncio é quebrado por Cacau.

– Doutor Roni...

Olhando por cima dos óculos de grau, o paciente doutor responde:

– Diga, meu filho.

– Posso lhe perguntar uma coisa? É que eu tive uma ideia – continua Cacau.

– Pode falar, sim, pergunte o que quiser, ainda tem alguma dúvida? – diz o doutor Roni.

– Não, eu entendi tudo direitinho, o senhor explicou tudo muito bem! O senhor devia ser professor também! – Todos riram, – É que eu tive uma ideia meio doidinha, sabe, doutor Roni – fala Cacau, meio sem jeito.

– Pode falar, Carlinhos, não precisa ter receio, não. Pode falar qualquer coisa, perguntar o que quiser – reconforta o doutor.

Cacau respira fundo, toma coragem e fala:

– Eu gostei muito de sua explicação e entendi mesmo o que o senhor me explicou do olhinho de Felipe que o senhor

comparou com uma câmera de filmar queimada, que não funciona.

Doutor Roni se divide entre satisfeito e curioso.

– Aí eu fiquei pensando – continua Cacau.

Nesse instante, Marcos e Raquel se entreolham como quem diz: eu sabia que vinha coisa por aí!

– E, se a gente colocasse uma câmera num capacete, pequenininho, e colocasse na cabeça de Felipe e ligasse no cérebro dele? Aí ele ia começar a ver as coisas, não é? – argumenta Cacau, com a expressão de: “achei a solução! Por que vocês não pensaram nisso? Parece que é tão fácil!”

– Mas, uma câmera de filmar num capacete na cabeça de seu irmão, será que ele vai aguentar? – Brinca o doutor Roni.

– Ora, aí é só fazer uma câmera de filmar bem pequeninha, e bem levinha, ora... – Cacau contra argumenta, com o semblante bem sério.

O primeiro impulso do doutor Roni, bem como de Marcos e Raquel, foi o de caírem no riso, mas diante da expressão tão sincera de Cacau se contiveram respeitando, assim, a dignidade do jovem. Então doutor Roni, do alto de sua autoridade médica, explica:

– Essa é, sem dúvida, uma ideia muito boa Cacau, você é uma criança muito inteligente e criativa. Mas, por enquanto a ciência ainda não desenvolveu essa tecnologia. Mesmo que conseguissem inventar uma câmera bem pequena e levinha, ainda assim não seria possível ligar ela ao cérebro, quando nada por enquanto.

Diante da tristeza que Cacau esboça, para não decepcionar inteiramente o jovem, o nobre doutor continua:

– Mas... quem sabe se, no futuro os cientistas não vão descobrir um meio de fazer isso? A ciência e a tecnologia têm se desenvolvido muito ultimamente e eu não duvido nada que, num futuro bem próximo, sua ideia se torne uma realidade.

Era tudo o que o jovem queria escutar e essa frase de doutor Roni fica gravada indelevelmente na mente e no coração do jovem Carlos e o enche de esperança e perspectiva. Então,

terminada a consulta, Marcos e Raquel voltam com seus filhos para casa, falando sobre a satisfação que estão com o desenvolvimento de Felipe, como também de seu bom estado de saúde, mas Carlos mantém-se introspectivo, com olhar distante e alheio à conversa a sua volta.

Os anos passam.

Certo dia, numa linda manhã de verão de domingo com céu límpido e brisa agradável, Cacau decide dar um passeio pelo condomínio com Felipe, agora com seis anos de idade, para tomar um sol, brincar no parquinho, ver os amigos, atualizar as conversas. Então, descem de elevador, saem pela porta do play, com Cacau levando seu irmão, segurando-lhe a mão. Seguem pelo caminho interno do condomínio que leva ao parquinho, quando Cacau se põe a contemplar o céu que exhibe um bonito azul intenso, bem típico de dias lindos como aquele, inspira profundamente, enchendo o peito de ar e exclama:

– Puxa... como o dia está límpido, não tem nenhuma nuvem no céu, que exhibe um lindo azul anil!

Curioso, Felipe pergunta imediatamente:

– Cacau, como é a cor azul?

Cacau para perplexo e pensa: ‘Como é que eu posso explicar como é a cor azul, se ele nasceu cego? Não tenho como descrever uma cor.’

Sem saída, diz, honestamente, procurando disfarçar a voz embargada:

– Olha, maninho... não tenho como lhe explicar como é a cor azul, na verdade não tenho como descrever nenhuma cor, isso é algo que você teria de ver, mas, por enquanto, você não pode enxergar.

– Entendi... – responde Felipe conformado.

Esse incidente corta profundamente o coração de Cacau, faz sua alma sangrar; mas, como disse a Felipe, ele alimenta a esperança de que seu irmão um dia possa ver, pois a ideia da câmera de filmar, instalada em um capacete e de alguma forma ligada ao cérebro, não sai da mente do jovem e, à medida que acompanha tanto desenvolvimento tecnológico, com câmeras